

breves

"Baptismo do caloiro": Sujo mais sujo não há

O silo-auto do Pólo das Engenharias da UBI foi o local onde todos os caloiros se reuniram para anunciarem ao mundo académico os seus nomes de praxe e passaram pela maior experiência de sujidade das suas vidas.

A Parada, como é chamado no Código de Praxe ao baptismo do caloiro, cumpriu-se na passada quarta-feira, 29 de Outubro.

Num mesmo local juntam-se todos os caloiros da UBI para dar a conhecer à comunidade académica os seus nomes de praxe.

Os caloiros chegam à Parada orientados pelos seus "praxadores". Para muitos, não é necessária a chegada ao local para estarem já completamente "transformados". Para outros a "transformação" está prestes a começar.

Existe de tudo um pouco para "transformar" o caloiro e prepará-lo para o baptismo. Farinha, água, mostarda, polpa de tomate, ovos, são apenas alguns dos ingredientes utilizados, entre muitos outros não identificáveis pelo seu estado de decomposição e cheiro. No meio da confusão, não



O baptismo do caloiro

só os caloiros, mas todos os presentes no recinto "sofrem" um pouco os efeitos da sujidade da folia.

Entretanto, os caloiros "confraternizam" com os colegas de outros cursos através da "disputa" verbal entre cursos para "provar" quem são os melhores. Uma outra tradição na Parada é rastejar por cima dos colegas de curso.

Então surge o momento do "baptismo". Em fila indiana, os caloiros dirigem-se à "fonte", um cano que lança água a céu aberto. Um por um, colocam a cabeça sob o cano e gritam, para todos ouvirem, o seu nome de praxe. **D.S.S.**

Tunamente cantando no V FATUBI

Sofia Videira



Uma das actuações do V FATUBI

No passado dia 23, teve lugar mais um Festival Académico de Tunas Femininas da UBI (FATUBI), o quinto organizado pelas Moçoilas, Tuna Feminina da UBI. Com alegria e capas ao ombro as tunas masculinas da casa (Desertuna e Já B'UBI e Tokuskopos) deram início ao espectáculo.

Entre palmas e gritos académicos, o concurso começou. Ao palco subiram cinco tunas femininas de vários pontos do país: Barituna (Faculdade de Direito de Lisboa), Egítonica (Instituto Politécnico da Guarda), Feminina (Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa), Tunafe (Faculdade de Engenharia do Porto) e Nocturna (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria). Cada uma delas tinha 20 minutos para dar o seu melhor.

Contrariamente aos anos anteriores "a adesão ficou muito a

quem da desejada", afirma Mila Baltasar, Magister das Moçoilas.

Ao longo da noite, um júri constituído por seis elementos avaliou as tunas a concurso.

Enquanto o resultado não era revelado foi a vez da tuna anfitriã actuar.

Em símbolo de união académica foram chamadas ao palco as tunas que deram corpo ao festival para cantarem a tradicional música "Sardinhas".

Integrado neste festival esteve o "Passe Calle". Um ritual que começa já a ser habitual, onde as tunas concorrentes percorrem as principais ruas e bares da Covilhã.

No final, o balanço foi positivo, mas quem ficou a ganhar foi a Feminina, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa que arrecadou a maioria dos prémios, inclusive o de Melhor Tuna e Tuna Mais Tuna.

Mais 218 alunos em 2ª fase

Os resultados da segunda fase de candidaturas ao Ensino Superior foram conhecidos no passado dia 27 de Outubro. A UBI, que preencheu na primeira fase de acesso cerca de 80 por cento das vagas recebeu, agora, mais 218 alunos. Das 379 vagas a concurso nesta segunda fase, ficaram por preencher 161.

Apenas um curso desta instituição registou zero novos alunos. Trata-se de Matemática Aplicada. Das 31 licenciaturas da UBI, apenas 12 não preencheram a totalidade das vagas.

Os números revelam a tendência verificada nos últimos tempos, em que a procura para cursos de vertente tecnológica ou de via de ensino tem diminuído.

Ao todo, ingressaram este ano na UBI 915 novos alunos. 85 por cento das vagas a concurso na instituição já foram, assim, preenchidas.

"Comboio da Educação" partiu da UBI

Um grupo de representantes de associações académicas partiu da UBI, rumo à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, passando pelo Instituto Politécnico da Guarda e pelo Instituto Politécnico de Viseu. O denominado "Comboio da Educação" terminou a sua viagem dia 18, na Universidade do Algarve.

Este meio de transporte contestatário que percorreu várias instituições de Ensino Superior do País foi uma das acções integradas na campanha nacional "Será que aguentas?". Em comunicado, as Associações de Estudantes do Ensino Superior Portugueses (AAEE's) justificaram a acção como um meio de "despertar todos os estudantes para os problemas do Ensino Superior, por forma a que as acções de contestação posteriores tenham a participação de um ainda maior número de estudantes, conscientes dos motivos que os levam a contestar."

Luís Franco, presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior (AAUBI), explica a escolha da Covilhã como ponto de partida. "A viagem começou na UBI por estar localizada na região Centro e, principalmente, por ser umas das universidades mais afectadas com a nova lei de financiamento do Ensino Superior", esclarece.

O "Comboio da Educação" arrancou com representantes da AAUBI, Associação Académica de Coimbra (AAC), Federação Académica do Porto (FAP) e Associação de Estudantes da Universidade do Algarve.

ponto de vista



Universidade: artigos científicos e incentivos

> Tiago Sequeira

O principal veículo de transmissão de ciência são os artigos científicos. As teses de mestrado, de doutoramento e a restante investigação, quando não publicada em revistas científicas, morre nas prateleiras! Mesmo os livros, quando não se revelam sucessos de vendas ou são editados por editoras menos credenciadas, não prestigiam a investigação. As revistas onde a ciência credível é publicada submetem os artigos a um processo de *blind peer referee* (ao contrário

dos livros), o mesmo é dizer a um processo de arbitragem com dois juizes, decidindo o editor se o artigo deve ser publicado com base nos pareceres dos *referees*. As submissões de artigos são processos morosos, onde os cientistas se expõem à avaliação imparcial de quem não conhecem, sujeitando-se a várias rejeições do trabalho até ser publicado. Pode afirmar-se, com certeza, que é o melhor processo existente de credibilizar os progressos na ciência. Uma vez publicado, o artigo será procurado

por cientistas em todo o mundo para a fazer progredir, acreditando que aqueles resultados passaram por um rigoroso processo de avaliação.

A UBI conta ainda com poucos artigos deste tipo no seu *curriculum*. No entanto, o progresso tem sido substancial nos últimos anos. Uma consulta à base de dados da *Web of Knowledge* (em <http://isi4.newisiknowledge.com/porta1.cgi>) permite concluir que a UBI (não contando ainda com a Faculdade de Ciências da Saúde) publicou 207 artigos entre 1983 e 2002, 111 dos quais entre 2000 e 2002.

A inaugurar a lista, encontra-se o artigo do Professor Doutor Manuel dos Santos Silva, hoje Reitor da UBI, em co-autoria com os Professores Doutores Carvalho Rodrigues e Passos Morgado no *Journal of The Textile Institute*, em 1983. Dominam em todo o período os departamentos das Faculdades de Engenharia e Exactas. Uma leitura superficial revela que, com uma ou duas excepções, muitos dos artigos e os mais citados são da autoria/co-autoria de professores estrangeiros e ou doutorados noutras universidades. Uma análise mais cuidada, e de muito interesse para definir políticas na instituição, poderá identificar os departamentos e os investigadores mais produtivos e os mais citados, bem como correlações interessantes entre a origem do investigador e a sua produtividade.

É preciso ter em atenção que a evolução tem sido enorme em Portugal. Só na ciência económica, de 4 artigos publicados no ano 1986 passou-se para 27 no ano 2000 (Guimarães, 2002). Daí que não se pode deduzir, dos números atrás referidos, a melhoria relativa da posição da UBI neste aspecto.

Duas razões devem levar-nos a reflectir sobre os incentivos que fazem os docentes universitários produzir ciência credível. Primeiro, os *rankings* das instituições são baseados na produtividade em termos de artigos científicos, como na área de Economia (ver como exemplo Guimarães, 2002). Aliás, hoje, na *Econlit*, a mais prestigiada base de dados de Economia, apenas estão referenciados 3 artigos desta Universidade!

São inúmeras as formas, já testadas em algumas escolas, de incentivar os docentes a publicar artigos nas revistas mais conceituadas:

1- fazer depender a contratação e a progressão na carreira das publicações e abandonar, ou tornar muito menos relevantes, os critérios administrativos, de participação em júris e orientações de teses;

2- fazer um *ranking* de revistas por especialidade e atribuir prémios monetários pela publicação nessas revistas através, por exemplo, da Fundação da Universidade. Esta medida, além do prémio em si, teria um efeito de sinalização e demonstração. O custo desta medida, por variadas razões, revelar-se-ia mínimo.

É urgente agir para chegarmos a um patamar de excelência na investigação, tendo em conta os padrões mais exigentes.